

EM SE PLANTANDO, TUDO DÁ!

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
caio@canaplan.com.br

“O Brasil, SOS ao Brasil.....”

Os 50 anos da STAB levam à reflexão, certamente, de todos que convivem ao pé da cana. Vejam que a STAB foi criada às vésperas da tomada de poder pelo militares, que em 1964 estancavam, segundo sua visão, os riscos de outro tipo de ditadura, de esquerda. De lá, para cá, o Brasil viveu momentos de milagre econômico, de década perdida, da caça aos marajás, de renúncia do Presidente Collor, do Plano Real, das Bolsas-Inúmeras, de queridinho do capital internacional, da volta do povo às ruas como os caras-pintadas das Diretas na redemocratização, dos mensaleiros e do recrudescimento da corrupção e da aproximação da ideologia brasileira oficial aos países do chamado bloco bolivariano.

Em termos econômicos, o Brasil passou a ser um país sério e importante; do ponto de vista social, êxito no aumento formidável da chamada classe “C” e seus impactos no aumento da demanda de alimentos, energia, construção civil, etc; do ponto de vista ambiental, claro controle de desmatamento e sustentável produção, por exemplo, do agronegócio; do ponto de vista ideológico, uma verdadeira festa de terras aos índios, Código Florestal sem avaliação técnica, etc.

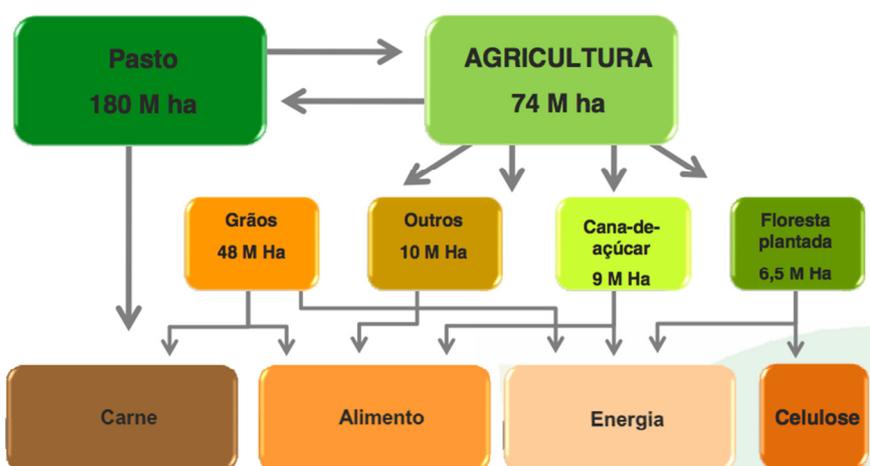
Os 50 anos da STAB viram uma revolução tecnológica, de gestão e de regulação no setor canavieiro; viram governos com competência e um setor privado exuberante.

Os últimos anos do setor foram, talvez, os mais fracos da história desde a STAB! O que se vê é um enorme endividamento e menor produtividade com custos crescentes, além da perda da política setorial mais importante criada em 2002: a CIDE (imposto sobre a gasolina)!

Impressionante a perda de competitividade desse setor brasileiro, face as questões macroeconômicas, a perda do “norte” das políticas públicas e, nos últimos 2 anos, climas voláteis.

O agronegócio, em 2013, deverá crescer seu PIB acima de 7% enquanto o PIB do Brasil deve crescer 2%. Em 2011, o PIB do agronegócio foi 23% do PIB Brasil, o setor respondeu por 36% das exportações nacionais e cerca de 30% do emprego! E há anos, desde Lula, não tem a agricultura em um só Ministério! Está distribuída em vários deles, sem expressão!

O GRANDE NEGÓCIO DO BRASIL: AGRONEGÓCIO



Fonte: MBAgro, base IBGE

Como diz o Ex-Ministro de vários Ministérios, Delfim Netto (Valor Econômico de 09/09/13), *“a agroindústria é um setor altamente eficiente. É um setor sofisticadíssimo, mas muito prejudicado por falta de estrutura, de transportes, de portos, por falta de armazenagem e por falta de uma política importante, que é a política de seguro de safra.”*

Fica a impressão que o olhar das políticas públicas é o mesmo de Pero Vaz de Caminha, 513 anos atrás, em sua rápida passagem na descoberta desse gigante: é só plantar!

O produtor brasileiro corre, sozinho, todos os riscos de produzir, em um mundo tropical que estimula pragas e doenças, chuvas improprias e secas desalmadas; faz isso sem seguro rural!

O produtor brasileiro é competente e ganha do seu colega norte-americano competente, até a porteira do seu negócio. Depois dela, perde tudo por falta de logística e de infraestrutura.

O produtor brasileiro convive com os preconceitos de um governo que vê o agronegócio como um mal necessário.

O produtor brasileiro convive com grande potencial de oferta, mas depende muito do capital externo, que anda assustado com a falta de planejamento, coordenação e com as mudanças das regras de jogo ainda no 1º tempo!

O produtor brasileiro vê o Brasil Potencial Produtor sendo enxugado, ano a ano, com medidas não técnicas definindo proibições de plantios, áreas enormes expandindo para indígenas e quilombolas, entre outros.

O produtor brasileiro vê o monstruoso orçamento de subsídios aos agricultores dos países ricos competidores e vê o orçamento do Ministério da Agricultura ser ¼ do que era na década de 1970!

O Brasil, no mundo açucareiro, seja em países produtores da cana-de-açúcar e/ou da beterraba açucareira, foi o que mais inovou nos últimos 50 anos, sempre sob a vigília da STAB, nosso orgulho.

Mas o desenho da incoerência, desde o distanciamento do atual governo federal com a biomassa energética, passando pelo congelamento dos preços da gasolina e quatro safras globais com excedentes de açúcar, vem massacrando um setor que responde por mais de 2% do PIB nacional e 1,5 milhão de empregos diretos. Para ser justo com os que não tem a visão da importância do setor, os governos estaduais, exceto São Paulo, também não ajudam, com uma alíquota de ICMS que não dá capacidade de competir com a gasolina.

Uma frase de Gilberto Azzi, ícone criador do Planalsucar na década de 1970, retrataria, no agronegócio, a resiliência da agricultura canavieira: “as socas da cana, mesmo pisadas, rebrotam.....”. Não fosse essa capacidade de sobrevivência, o setor produtivo não teria a dimensão que hoje tem, passando pela várias crises, principalmente as de 1965 (super-produção global), de 1975 (queda livre dos preços), de 1986 (queda livre dos preços do petróleo e excesso de oferta de etanol), de 1998 – 2002 (desregulamentação em período de excedentes, de 2008 (crise global de crédito, individualmente), de 2012 (zerada a CIDE após 6 anos de congelamento de preços da gasolina).

O século XX foi o século da oferta, que permitiu ganhos de produtividade no agronegócio que resultaram em queda real dos preços de alimentos de 48%! Foi, portanto, uma excepcional contribuição do agronegócio ao padrão de vida urbano e ao processo de industrialização. Um exemplo disso foi o apelido do agronegócio nos anos 1990, como a âncora verde do Plano Real.

Na virada do século XXI, as expectativas formadas foram outras, com uma tendência de preços das commodities agrícolas em patamar mais elevado. Afinal, há limites nos países produtores para expandir os cultivos e a produtividade média mundial não vem mostrando ganhos.

Da mesma forma, as dificuldades impostas pela legislação ambiental e a escassez de água, também jogam contra uma necessária expansão da oferta de alimentos e de energia da biomassa, na forma tradicional.

Como toda moeda tem 2 lados, o outro lado é o de uma potencial nova festa das commodities agrícolas. Isso traz o Brasil para o centro de uma grande oportunidade: as incertezas das seguranças alimentar e energética.

Mas o que aprendemos nestes 50 anos da STAB? O que comemorar? Os ganhos de produtividade agroindustrial, com melhoras expressivas desde os anos 1970, deram ao Brasil a imagem que hoje tem no negócio canavieiro. Esses ganhos vieram dos esforços do setor no campo da pesquisa; dos produtores na melhoria de seus recursos humanos, nos investimentos e na adoção da tecnologia; na implantação do pagamento da cana pela qualidade e, na desregulação do setor, pelo Consecana; nas empresas de bens de capital industrial, pelas melhorias de eficiência; nos insumos modernos e no modo sustentável de uso, entre outros.

A atuação da STAB em Seminários Nacionais, Regionais e Internacionais, permite espalhar as boas novas das tecnologias, dos produtores e dos mercados, numa relação umbilical com o agronegócio canavieiro, desde o setor de bens de capital, insumos modernos, até a agricultura, indústria, distribuição e os serviços. É um grande suporte ao Brasil e ao negócio sucroenergético.

Parabéns a STAB pelo sucesso. Aos produtores pela resiliência.

Saudades, porém, quando a agroindústria canavieira era prioridade de governo!

Saudades de Gilberto Azzi, de Jarbas Oiticica, engenheiros construtores, entre outros, dos sonhos que hoje comemoramos como fatos nos 50 anos da STAB.